



ESCOLA EU TÔ AQUI PRA QUÊ?¹ UM ESTUDO DE CASO SOBRE A EVASÃO ESCOLAR EM JOÃO PESSOA - PB

Rayssa Maria Anselmo de Brito²; Joani de Mélo Muniz; Priscila Santos Canuto;
Ricardo de Figueiredo Lucena

*Universidade Federal da Paraíba; rayssambrito@gmail.com; joanidemelo@gmail.com;
canutospriscila@gmail.com; cacolucena@gmail.com.*

RESUMO

Trazer a discussão o tema da evasão escolar, realizar uma pesquisa científica sobre uma prática pedagógica e propor uma análise do filme Escritores da Liberdade de Erin Gruwell, constituem-se objetivos deste breve ensaio, uma vez que percebemos ainda ser este um dos problemas enfrentados pela escola brasileira. Para tanto, apresentamos esta pesquisa a partir de sua característica qualitativa, sendo mais especificamente um estudo de caso em uma escola pública do município de João Pessoa – PB. Também discutimos aqui os conceitos de identidade e figurações sob uma perspectiva dos Estudos Culturais da Educação. Como resultados apresentamos possíveis respostas elencadas pelos próprios sujeitos da pesquisa, as quais nos apontam para novos questionamentos e outras possibilidades de estudo.

Palavras-chave: Identidade; Evasão Escolar; Educação de Jovens e Adultos.

¹ Título extraído do projeto didático da escola campo desta pesquisa, o qual nos serviu de base para construção do presente estudo.

² As Titulações dos Pesquisadores são respectivamente Mestranda em Educação pelo PPGE-UFPB; Mestre em Educação pelo PPGE-UFPB; Mestre em Educação pelo PPGE-UFPB; Professor Orientador e Doutor em Educação Física.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escola brasileira de acordo com a história da educação sempre teve em suas bases a perspectiva de uma pedagogia tradicional. Todavia, observando a escola nos moldes atuais percebemos o quanto esta já vem passando por modificações, desde o sentido pelo qual esta compreende o processo de ensino-aprendizagem até a o modo como esta estabelece as relações humanas em seu interior. Neste aspecto, modifica-se também a compreensão de quem seriam estes estudantes, pois de acordo com Green e Bigum (2013, p.204) é importante “desenvolver uma melhor compreensão de um fenômeno que é cada vez mais visível nos debates atuais: a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades”.

Ainda ao discutir sobre a realidade da escola brasileira Mantoam (2015) afirma que:

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso de toda ordem, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e social - alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os sentidos. Eles são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como malnascidos e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal. (MANTOAN, 2015, p.32).

Assim, pensar a escola atual a partir das diferentes culturas que dela emergem, ou seja, sobre a lente dos Estudos Culturais da Educação – ECE, nos permite compreender novas questões inerentes a este espaço social. Por meio dessas lentes é também possível pensar nas minorias que constantemente são invisibilizadas, tais como negros, pobres e/ou pessoas com deficiências.

Desse modo, é possível discutir quais identidades estão sendo formadas nesta escola, como esses sujeitos compreendem o processo educativo, e quais os desdobramentos desta compreensão nas práticas educativas.

De acordo Queiroz (2001):

Vários estudos têm apontado aspectos sociais considerados como determinantes da evasão escolar, dentre eles, a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e a própria criança, sem que, com isto, eximam a responsabilidade da escola no processo de exclusão das crianças do sistema educacional. (QUEIROZ, 2001, p. 01)

Desse modo, o presente artigo nasce com a finalidade de discutir a relação formada pela figuração aluno-escola e como esta pode contribuir para o combate a este tão alarmante problema da realidade educacional brasileira que é evasão escolar.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Por figurações compreendemos a partir do conceito eliasiano que parte do princípio que:

[...] uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderia [sic] nos arriscar a dizer, apenas como pluralidade, apenas como configurações. (ELIAS, 1994, p.249).

Como sujeitos dessa pesquisa, optamos por trabalhar com alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, os quais possuem entre 18 e 35 anos, estão matriculados no ciclo 4 da EJA, o qual corresponde ao quarto e quinto ano do ensino fundamental.

Para servir de aporte teórico a fim de embasar a nossa discussão buscamos autores como Norbert Elias, o qual veio nos trazer como contribuição o conceito de figuração e de poder nas relações humanas, pois para Elias o poder é relacional tendo em vista que “ O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas” (ELIAS, 1970, p. 81). Utilizamos também o autor Silva que discute as questões relacionadas a construção identitária ou o processo de identificação, o que também é elucidado por Thomas Hall sob a lente dos Estudos Culturais.

Cabe ressaltar que este é um estudo cujos resultados apontam para novas discussões e problemáticas, todavia, pensamos que a partir de discussões como esta poríamos enfim começar a pensar numa educação que se ressignifica e cujas figurações necessitam ser constantemente reanalisadas e reestruturadas.

2- CAMINHOS PERCORRIDOS: UM OLHAR METODOLÓGICO

E se perguntássemos aos alunos o que esperam ou porque estes vêm a escola, qual resposta obteríamos? Seria essa resposta um horizonte possível para pensar os desafios e avanços da escola nos moldes atuais? Impulsionados por tais questionamentos e após participarmos da execução do projeto didático: “Escola eu tô aqui pra quê?” – sabendo que este projeto foi pensado e concretizado pela escola cujo nome fictício chamaremos neste estudo como sendo a Escola X - decidimos refletir sobre os dados obtidos por meio da participação dos alunos neste projeto, de modo a fazer desta experiência o plano de fundo para o presente estudo científico.

Por escolher uma unidade de ensino num universo de mais de 100 escolas no município de João Pessoa e pelo fato de que dentro deste amplo universo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

selecionamos apenas uma turma de Jovens e Adultos para acompanhar e observar, vemos que nossa pesquisa caracteriza-se sobretudo como sendo um estudo de caso, pois de acordo com Robert Yin:

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "**como**" e "**por que**", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 1994, p.11, grifo nosso).

Ao ler o projeto, vemos que o mesmo, surge a partir de um dos problemas citados em seu Projeto Político Pedagógico que é a evasão escolar, de acordo com este, o projeto busca “desenvolver nos educandos uma identidade escolar de modo a conferir significado à sua presença na escola, incentivando a permanência e o progresso de todos no contexto escolar” (EJMF, 2016, p.59).

A etapas deste projeto resumiu-se em ouvir os alunos por meio das mesas redondas realizadas em cada turma, construir gráficos a partir das respostas dadas pelos alunos no tocante a suas presenças na escola, assistir ao filme “Escritores da Liberdade” e por fim descrever as dificuldades, os desafios e as possibilidades de enfrentamento face a realidade educacional desta unidade de ensino.

Cabe ressaltar que o projeto fora pensado a fim de ser posto em prática com todos os 1200 alunos desta escola, os quais são distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite, tendo turmas da educação infantil V (pré-escolar), ensino fundamental (1º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos, todavia respeitando os níveis de complexidades e as devidas adaptações necessárias para cada etapa e modalidade de ensino.

Desse modo podemos afirmar que nossa pesquisa possui uma inspiração etnográfica à medida que esta é “feita in loco e o etnógrafo é, na medida do possível, alguém que participa de alguma forma da vida daqueles que estão sendo estudados, sendo assim um observador objetivo daquelas vidas” (ANGROSINO, 2009, p.31).

E por ser o filme "Escritores da Liberdade" - filme lançado no dia 5 de janeiro de 2007, nos Estados Unidos, com autoria de: Erin Gruwell, Freedom Writers direção e roteiro de Richard LaGravenese - apresentado como uma das etapas deste projeto, optamos por realizar uma análise do mesmo buscando aproximações do contexto educacional apresentado nesta obra cinematográfica com a realidade que se apresentava na escola-campo de nossa pesquisa.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

3- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Escritores da liberdade, consiste numa obra cinematográfica americana cujo gênero é o drama, este filme “aborda o conflito da questão social com a metodologia ineficaz de educação do sistema capitalista, onde os sujeitos inseridos neste contexto gritam por uma identidade perante a sociedade” (LEMOS e BARBOZA, 2008, p.01).

Ainda para tais autores vemos que “além de reflexões e críticas ao sistema, o filme aborda a importância de se considerar as particularidades do sujeito, e a força *versus* fragilidade que a sociedade tem na construção da subjetividade do indivíduo” (LEMOS e BARBOZA, 2008, p.02).

Subjetividade esta que evidencia-se por meio da construção identitária, pois à medida que concebemos a identidade como um processo percebido a partir das relações de poder, vemos que os alunos tanto no filme quanto na Escola X eram de igual modo vulneráveis às questões relacionadas a violência e a exclusão social, e que ambos problemas estavam imbricados a suas identidades.

[...] é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade e nos movimentos sociais ligados à identidade. (SILVA, 2000, p.91)

No filme a professora coloca uma fita adesiva no chão da sala, dividindo os alunos em dois lados, em seguida esta pede-os que afastem-se encostando-se na parede e por fim orientamos para que pisem na faixa cada vez que suas respostas forem positivas as perguntas que por ela serão feitas. Desse modo, a professora vai perguntando quem naquele espaço já perdeu um amigo para a violência e em seguida vai aumentando as quantidades, o que para surpresa de todos, apesar de terem diferentes origens e identidades, a diversidade étnica e cultural dos alunos aos poucos vai sendo minimizada à medida que vão percebendo os pontos em comum que os unem, neste caso a perda de amigos e familiares para a violência e as drogas.

Com os alunos da Escola X não foi diferente. Todos perceberam o quanto eles, e as pessoas que lhes eram próximas, estariam expostas a violência e condição de vulnerabilidade social. Todavia, assim como no filme, os alunos desta escola perceberam que a condição social poderia ser uma grande dificuldade, porém, nunca um determinante, posto que estes perceberam que os “escritores da liberdade” compreenderam o quanto os estudos poderiam lhes servir como instrumento para ascensão social e fuga do contexto de tamanha precariedade e violência.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na escola retratada no filme *Escritores da Liberdade* os alunos percebem o tratamento diferenciado que lhes eram conferidos pela bibliotecária e administração escolar, pois estes tinham acesso apenas a materiais didáticos de baixo custo tais como gibis e revistas, já os alunos mais destacados tinham acesso aos livros de fato. Logo, os alunos da Sr. Gruwell percebem uma mudança nesta discrepante realidade quando a professora Gruwell passa a ter uma jornada dupla (dividindo-se entre a escola e um trabalho paralelo) a fim de custear com recursos próprios a compra de novos materiais para que os alunos tenham acesso a bibliografia que será por ela utilizada ao longo do ano letivo.

Na Escola X, também observamos que os professores para garantir uma possível qualidade de vida, também são levados a ter mais de um vínculo empregatício e que a escassez de materiais demonstrada no filme, também ocorre no cenário real.

A mediação realizada entre a supervisora escolar (responsável pela aplicação do projeto naquele momento) e os alunos permitiu-os compreender o porquê do nome desta obra cinematográfica, pois a medida os alunos começavam a pensar o que ou qual aspecto poderia justificar a escolha deste título para o filme, estes também iam sendo envolvidos em uma exposição dialógica, na qual a supervisora teve a oportunidade de expor a razão pela qual surge o título *Escritores da Liberdade*, uma vez que associava-se também a leitura feita por tais alunos do livro *O Diário de Anne Frank* e da identificação deles com o contexto difícil vivido pela garota durante a Segunda Guerra Mundial.

Tamanha a identificação dos alunos com a criança escritora do diário que os mesmos optaram por transformar a ideia de escritores no título conferido aos seus próprios escritos, ou melhor, num grande diário que seria a coletânea de todos eles, concentrando assim as narrativas de todos os alunos daquela turma. Observaram também que apesar de serem escritos com estilos e pessoas diferentes, estes acabavam retratando os mesmos contextos de exclusão social, violência, vulnerabilidade e precariedade no tocante a qualidade de vida. Assim, eles decidem nomear o diário de classe como sendo *Escritores da Liberdade* a fim de que possam a partir daí pensar em suas liberdades e no modo como eles podem reescrever as suas próprias histórias de vida.

Outra aproximação possível entre a Escola Americana e a 'Escola X' seria a precariedade de recursos conferidos a educação pública, pois os alunos da senhora Gruwell perceberam que para ter uma aula proveitosa e instigante, a professora não encontrava



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

recursos com a direção da escola, tampouco com os cofres públicos, fazendo com que a mesma como um ato heroico viesse a ter outro emprego afim de sustentar as suas aulas.

Na Escola X a qual analisamos, percebemos o quanto a falta de recursos impede aos professores o planejamento e a execução de aulas mais atrativas para os alunos. Aulas estas que poderiam ajudar tal realidade escolar na busca pelo combate à evasão escolar e ao alto índice de repetência por estes alunos.

Sabemos o quanto é oneroso arrecadar fundos ou investimentos para a educação, no entanto, por se tratar de uma escola pública esperávamos que os cofres públicos pudessem priorizar a educação, subsidiando os recursos necessários, que a mesma acontecesse de modo a garantir sua qualidade.

Adentrando as quatro perguntas realizadas a fim de nortear a mesa redonda realizada com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, das séries do quarto e quinto ano, observamos que a supervisora e a professora destes, estruturou a participação coletiva a partir de quatro eixos temáticos, os quais eram caracterizadas com quatro perguntas sendo elas: “*Que escola eu tenho? (parte 1)*”, no qual eles ressaltaram os pontos fortes da escola. Em seguida, “*que escola eu quero?*”, no qual os alunos apresentariam as possibilidades da escola que eles almejam. Em terceiro lugar “*Que escola eu tenho? (parte 2)*”, no qual se discutirem os pontos fracos da escola e por fim a pergunta que intitula o projeto didático a qual seria – *Escola: eu tô aqui pra quê?* - no qual os alunos deveriam listar as finalidades pelas quais os mesmos vão à escola todas.

Ao analisar as respostas encontradas na última pergunta na qual foi questionado aos alunos o “porquê” destes irem/estarem na escola, observamos que os alunos listam sete razões sendo elas: estudar, aprender coisas novas, respeitar e ser respeitado, obedecer o professor e as normas do colégio, desempenhar os trabalhos da escola na sala de aula, contribuir com a limpeza na sala de aula, e por último e não menos importante fazer amizades.

Mediante as respostas elencadas vemos que embora os alunos apresentem características de uma expectativa de uma educação progressista, há ainda características muito fortes de uma pedagogia tradicional, quando estes fazem menção a obedecer às regras e normas do colégio como se ir à escola fizesse parte de um processo de doutrinação e conformação com as normas sociais.



Em contrapartida, temos também a franqueza dos mesmos a responder que vão à escola para fazer amizade, neste ponto observamos o caráter socializador que a escola se apresenta até mesmo para alunos na faixa etária adulta.

Outra resposta que nos chama atenção seria o desejo destes alunos em aprender e se desenvolver e a compreensão de que o desenvolvimento vem a partir da concretização das atividades na sala de aula, neste momento, tais alunos também refletem sobre a condição que anteriormente havia sido criticada percebendo que há um papel também individual no tocante à manutenção da limpeza da escola, um deles chega a mencionar que não é pelo fato da escola ter pessoas do serviço de limpeza que eles teriam o direito de jogar papéis ou sujar o chão.

Em seguida questionamos os alunos sobre a escola que eles têm, e aí pedimos que os alunos listassem os pontos fracos das escolas e apesar de tratar-se de uma escola fundada a mais de 30 anos, observa-se que o primeiro ponto ressaltado por eles foi em relação à estrutura escolar considerando que o prédio não recebe reforma nos últimos cinco anos os alunos também falam da questão relacionada à segurança, pois, devido a mesma está situada no bairro popular, no turno da noite acaba ficando exposta ação de vândalos e a própria violência do bairro.

Outro ponto destacado pelos alunos refere-se à falta ou a insuficiência de professores, os quais por se ausentarem com frequência nos horários das aulas, acabam deixando a turma desassistida, prejudicando assim o processo de aprendizagem dos alunos. Estes ainda mencionam a falta de distribuição de fardamento escolar, como fator dificultador, pois para os alunos da Educação de Jovens e Adultos a farda que é recebida é apenas a camisa e para tais, esse material é necessário compor sua identidade como estudante desta escola.

Assim como no filme, os alunos da Escola X também refletem sobre o tratamento que lhes é conferido e à medida que os perguntamos o que pode ser melhorado nessa escola, eles respondem sobre a higiene da escola (estrutura física) pois para estes: as paredes, assim como as mesas e carteiras merecem uma melhor higienização.

No entanto, observamos que esta é uma percepção externa. À medida que tais alunos não reconhecem a parte que lhes cabe, que seria a de manter a organização do espaço escolar, uma vez que eles citam os grafismos ou pichações que eles próprios fazem nas paredes ou nas carteiras, como forma de demarcar seus territórios, todavia consideram oportuno reclamar que o espaço escolar deve ser aconchegante agradável e limpo.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Quando perguntados pela escola que estes alunos têm, sendo apontado por eles os pontos fortes desta instituição, os mesmos listam quatro aspectos: o primeiro relacionado à qualidade da merenda escolar, em seguida à qualificação dos seus docentes, pois estes afirmam ter professores experientes. Outro aspecto é a relação de proximidade com os diretores e a supervisora na escola e por fim mais uma vez ressaltam o privilégio de encontrar/fazer novas amizades.

Analisando essas respostas vemos o quanto parte dos aspectos sociais são ressaltados numa perspectiva relacional, o que nos mostra que a figuração aluno-escola é fortalecida a medida em que o espaço favorece as relações entre seres humanos que compreendem o que estão a fazer.

Assim embora no momento anterior estes alunos tenham questionado a frequência dos professores, ao mesmo tempo eles se sentem privilegiados pela qualidade do ensino ou pela experiência passada pelos professores a estes.

Por último, foi pedido que os alunos listassem - a escola - que almejavam a partir das possibilidades desta e quais as possíveis mudanças a serem realizadas nesta unidade de ensino, como resposta eles apresentam que é possível ter melhorias na segurança, conscientizar os professores a terem mais responsabilidade, melhorar a questão ligada à higiene escolar, melhorar a relação destes com os profissionais da merenda escolar, além de reformar a escola de modo a trazer uma nova estrutura física para este prédio, tornando-o mais aconchegante e agradável e por último, buscar mais recursos e investimentos no tocante aos materiais escolares, considerando que estes ainda são bastante escassos.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim chegamos aos momentos finais deste breve estudo, apresentando como as discussões promovidas por meio do projeto - Escola eu tô aqui pra quê? - serviram de base para apresentar reflexões coerentes as quais foram postuladas em um relatório a ser agregado ao projeto político pedagógico da escola.

O exercício que por hora concretizamos enquanto pesquisadores também nos permitiu refletir sobre a escola que tantas vezes projetamos, mas que poucas vezes paramos para ouvir quem realmente a protagoniza - que são os alunos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ouvir tais alunos, suas perspectivas e suas angústias nos permitiu ressignificar nossa própria prática pedagógica. Percebemos também que eles (os alunos) de um modo bastante específico compreendem a realidade que lhes é posta e que o processo de construção identitária de tais aluno para com escola requer a construção de um constante diálogo entre todos que formam a comunidade educativa.

Assim, embora tenhamos constatado que há na escola gradientes de poder que hora colocam os alunos hora colocam os funcionários como sendo aqueles a quem o poder se estabelece, todavia, como processo comum de uma figuração, ambos exercem poder sobre si e sobre os demais. Esse poder neste contexto educacional assim como em qualquer outro contexto social tende a fluir, fragmentar e ressurgir com ainda mais força por meio das interações que só as relações humanas podem evidenciar.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO; Michael; FLICK, Uwe (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard Lagravenese. EUA, 2007, 123 min.

ELIAS, Norbert. **Introdução a Sociologia**- Reimp. Biblioteca 70, Lisboa, 1970.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 1994a.

EJMF. **Projeto Político Pedagógico**. João Pessoa, 2016.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.203-237.

LEMOS, Amanda Sodero; BARBOZA, Leila Maribondo. **Escritores da Liberdade**. Revista Ensaaios – n.1, v.1, ano 1, 2º semestre de 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Educação (Anped). v. 3, 2001. Disponível em:
www.anped.org.br/reunioes/25/lucileidedomingosqueirozt13.rtf. Acesso em Ago. de 2016.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença In: SILVA, T. T. (org.)
Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro:
Vozes, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman,
2010.